

## ATOS 6.1-7: A GÊNESE DO OFÍCIO DIACONAL?

*João Paulo Thomaz de Aquino\**

### RESUMO

Este artigo defende que Atos 6.1-7 relata a gênese do ofício diaconal na igreja. Tal afirmação é defendida com base nos seguintes argumentos: (1) que a reunião que elegeu os sete teve um caráter oficial; (2) que a função exercida era oficial e envolvia o exercício de autoridade; (3) que as ocorrências da raiz *διακον* no relato apontam para isso; (4) que a cerimônia de imposição de mãos confirma o ofício e (5) que os demais textos neotestamentários que falam sobre o ofício diaconal dependem de que Atos 6 seja lido sob essa ótica.

### PALAVRAS-CHAVE

Atos 6.1-7; Diácono; Ofício; Imposição de mãos; Ordenação.

### INTRODUÇÃO

A tese central deste artigo é que Atos 6.1-7 relata a gênese do ofício diaconal. Para alguns leitores talvez essa tese pareça óbvia, mas o fato é que a maioria dos intérpretes bíblicos do século 20 discorda dessa afirmação. A interpretação tradicional, defendida neste artigo, foi esposada já por Irineu<sup>1</sup>, no final do 2º século e, ao longo da história da igreja, por muitos estudiosos. Calvino, no século 16, introduziu seu comentário do sexto capítulo de Atos afirmando que “Lucas declarou aqui em qual ocasião, para que fim e também com que rito os diáconos foram primeiramente instituídos.”<sup>2</sup> É possível afirmar

---

\* O autor é professor assistente de Novo Testamento no Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper e no Seminário Teológico Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição. É mestre em Antigo Testamento pelo Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper (2007) e mestre em Novo Testamento pelo Calvin Theological Seminary (2009). É ministro da Igreja Presbiteriana do Brasil.

<sup>1</sup> IRENEU DE LIÃO. *Contra as heresias*: denúncia e refutação da falsa gnose. São Paulo: Paulus, 1995, p. 298 (3.12.10).

<sup>2</sup> CALVIN, John. *Commentary on Acts*. Vol. 1. Grand Rapids: Christian Classic Ethereal Library, 1999, p. 142. Disponível em: <http://www.ccel.org/ccel/calvin/calcom36.pdf>. Acesso em: 04 out. 2010.

que o padrão da interpretação pré-crítica é de que Atos 6 descreve a gênese do ofício diaconal.<sup>3</sup> Dentre os autores contemporâneos, poucos aderem à interpretação tradicional, como é o caso de Agith Fernando, que afirma que “embora Lucas não utilize aqui a palavra ‘diácono’ para descrever os sete, essa decisão lançou os fundamentos para a ordem diaconal.”<sup>4</sup>

Do final do século 19 em diante, a interpretação tradicional foi desafiada e tornou-se minoritária. A maioria dos estudiosos, dos mais diferentes matizes teológicos, passou a defender que Atos 6 nada diz a respeito da instituição do ofício diaconal.<sup>5</sup> Os principais argumentos usados para invalidar a interpretação tradicional são os seguintes: (1) a fonte usada por Lucas nada dizia a respeito de diáconos e foi Lucas quem inseriu tal idéia no texto; (2) Estêvão e Filipe aparecem posteriormente em Atos não como diáconos, mas como evangelistas; (3) Lucas não usa o substantivo *διάκονος* no relato; (4) ver o ofício de diácono em Atos 6 é anacronismo. Além das interpretações tradicional e contemporâ-

<sup>3</sup> HENRY, Matthew. *Commentary on the whole Bible*. Volume VI (Acts to Revelation). Grand Rapids: Christian Classics Ethereal Library, 2000, p. 120. Disponível em: <http://www.ccel.org/ccel/henry/mhc6.pdf>. Acesso em: 04 out. 2010. GILL, John. *Exposition of the entire Bible*. Disponível em: <http://gill.biblecommenter.com/acts/6.htm>. Acesso em: 04 out. 2010. CLARKE, Adam. *Commentary on the Bible*. Disponível em: <http://clarke.biblecommenter.com/acts/6.htm>. Acesso em: 04 out. 2010. BARNES, Albert. *Notes on the New Testament: explanatory and practical: Acts*. Grand Rapids: Baker, 1949, p. 110. Disponível em: <http://www.ccel.org/ccel/barnes/acts.pdf>. Acesso em: 04 out. 2010. MACLAREN, Alexander. *Expositions of Holy Scripture: The Acts*. Grand Rapids: Christian Classics Ethereal Library, p. 260. Disponível em: <http://www.ccel.org/ccel/macLaren/acts.pdf>. Acesso em: 04 out. 2010. HARNACK, Adolf. *The Acts of the Apostles*. New York: Williams and Norgate, 1909, p. 169. Disponível em: <http://www.archive.org/details/actsofapostles00harn>. Acesso em: 25 nov. 2010; LENSKI, R. C. H. *The interpretation of Acts of the Apostles*. Minneapolis: Augsburg, 1961, p. 247, 249; WILLIMON, William H. *Acts*. Atlanta: John Knox, 1988, p. 59.

<sup>4</sup> FERNANDO, Agith. *Acts*. The NIV Application Commentary. Grand Rapids: Zondervan, 1998, p. 226. Ver também: HUGHES, R. Kent. *Acts: the church afire*. Wheaton: Crossway, 1996, p. 96; DUNN, James D. G. *The Acts of the Apostles*. Valley Forge: Trinity, 1996, p. 83.

<sup>5</sup> BLAIKLOCK, E. M. *The Acts of the Apostles: an historical commentary*. Grand Rapids: Eerdmans, 1959, p. 75; SMITH, T. C. Atos. In: ALLEN, Clifton J. *Comentário bíblico Broadman*. Vol. 10. Rio de Janeiro: Juerp, 1984 (edição original em inglês: 1969), p. 65; NEIL, William. *The Acts of the Apostles*. London: Oliphants, 1973, p. 103-104; LIENHARD, J. T. Acts 6:1-6: a redactional view. *Catholic Biblical Quarterly* 37 (1975), p. 228; CONZELMANN, Hans. *Acts of the Apostles*. Philadelphia: Fortress, 1987, p. 44. Publicado originalmente em alemão (1972); MARSHALL, I. Howard. *Atos: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1980, p. 123; F. F. Bruce afirma que é melhor descrever os Sete como uma espécie de assistentes sociais (em inglês, *almoners*): BRUCE, F. F. *The Book of Acts*. Grand Rapids: Eerdmans, 1988, p. 122.; COMBLIN, José. *Atos dos Apóstolos*. Vol. 1. Petrópolis: Vozes, 1988, p. 147-148; MACARTHUR, John. *Acts 1-12*. Chicago: Moody, 1994, p. 182; WILLIAMS, David J. *Atos*. São Paulo: Vida, 1996, p. 141; POLHILL, John B. *Acts*. Nashville: Broadman & Holman, 2001, p. 182-183. C. K. Barret afirma que “é fácil e correto dizer que não é a intenção de Lucas descrever aqui a origem da ordem dos diáconos”: BARRET, C. K. *Acts 1-14*. International Critical Commentary. London: T & T Clark, 2004, p. 304; SCHNABEL, Eckhard J. *Early Christian mission: Jesus and the twelve*. Downers Grove: InterVarsity, 2004, p. 429; SELL, Phillip W. The seven in Acts 6 as a ministry team. *Bibliotheca Sacra* n. 167 (2010): p. 58-67.

nea existem também alguns poucos autores que defendem que os oficiais de Atos 6 eram presbíteros<sup>6</sup>, como também existem alguns comentaristas que não definem sua posição nesse quesito.<sup>7</sup>

Existem outros problemas hermenêuticos relacionados a esta passagem que não serão alvo específico deste artigo, como a fonte usada por Lucas, a divisão interna do texto, a identidade e problema por trás da distinção entre helenistas e hebreus, os motivos pelos quais as viúvas estavam precisando de auxílio financeiro, a razão por que o número de homens escolhidos para servir foi de sete, quem impôs as mãos (os apóstolos ou a igreja), o significado exato da imposição de mãos, a definição exata da perícopé e o papel dela no contexto literário e canônico. Alguns desses assuntos serão tratados apenas com a profundidade necessária para resolver a questão básica do presente artigo.

Pretendemos, neste artigo, então, defender com argumentos exegéticos e canônicos a interpretação tradicional de Atos 6, de que esse texto narra a gênese do ofício diaconal, bem como contra-argumentar as afirmações dos estudiosos que afirmam que Atos 6 não diz respeito ao diaconato. Esperamos que esse artigo lance luz sobre a discussão acerca do propósito de Atos 6 e motive os líderes religiosos a uma apreciação maior do ofício diaconal.

## 1. ARGUMENTOS PRÓ-INTERPRETAÇÃO CONTEMPORÂNEA

Na introdução listamos os quatro argumentos principais dos autores que defendem a interpretação contemporânea, ou seja, de que os sete não são diáconos, e aqui procederemos a uma breve avaliação de tais argumentos.

O primeiro argumento afirma que a fonte usada por Lucas nada dizia a respeito de diáconos e foi Lucas quem inseriu tal idéia no texto. Um dos melhores defensores de tal tese é Hans Conzelmann.<sup>8</sup> A tese de que Lucas começou a usar uma nova fonte a partir do capítulo 6 é quase consensual. Os comentaristas apontam como base os fatos de que somente a partir deste capítulo os apóstolos são chamados de “os doze”, os cristãos de “discípulos” e o termo “helenistas” aparece.

<sup>6</sup> FARRER, A. M. The ministry in the New Testament. In: KIRK, Kenneth E. (Org.). *The apostolic ministry*. London: Hodder & Stoughton, 1946, p. 113-182. Para a posição de que Atos 6 descreve a gênese de todos os ofícios, ver CLARK, W. K. L. The origins of episcopacy. In: JENKINS, Claude; MACKENZIE, K. *Episcopacy, ancient and modern*. London: Society for Promoting Christian Knowledge, 1930, p. 10.

<sup>7</sup> LONGENECKER, Richard. The Acts of the Apostles. In: GAEBELEIN, Frank E. (Org.). *The expositor's Bible commentary*. Vol. 9. Grand Rapids: Zondervan, 1981, p. 331; STAGG, Frank. *O livro dos Atos dos Apóstolos*. Rio de Janeiro: Juerp, 1982, p. 91; FITZMYER, Joseph A. *The Acts of the Apostles*. New York: Doubleday, 1998, p. 344; KISTEMAKER, Simon. *Atos*. Vol. 1. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 297.

<sup>8</sup> CONZELMANN, *Acts of the Apostles*, p. 44.

Para Conzelmann, Atos 6.1-7 está baseado em “uma peça de tradição que Lucas deve ter tido em forma escrita”.<sup>9</sup> Esse fragmento de tradição, nas palavras de Conzelmann, foi “radicalmente editado a fim de evitar a impressão de uma crise interna durante o tempo dos apóstolos”.<sup>10</sup> Assim, para esse autor, a fonte escrita que Lucas tinha nas mãos não dizia nada a respeito de diáconos, e sim de uma liderança paralela que existia na ala helenista da igreja de Jerusalém. Ele ainda afirma que Lucas trabalhou o texto de tal forma a adequá-lo às suas concepções de igreja. Para Conzelmann, portanto, a presente forma do texto favorece a interpretação de que os sete foram escolhidos como os primeiros diáconos da igreja, mas apenas porque Lucas editou o relato nesse sentido.

Comblin afirma categoricamente que os sete não são os futuros diáconos, mas que Lucas escreveu pensando nos diáconos que já existiam no seu tempo e que os diáconos cumpriam na época de Lucas as funções aqui designadas aos sete.<sup>11</sup> Haenchen, Fabris e Barret também acompanham a mesma interpretação de que é a edição lucana que dá margem no texto para uma interpretação que favoreça o ofício diaconal.<sup>12</sup>

A nossa pergunta neste artigo diz respeito ao relato bíblico como ele está e não ao evento histórico ou à fonte usada por Lucas.<sup>13</sup> De acordo com esses três autores citados, o relato de Atos 6 como ele está, esse relato que influenciou a igreja, sendo assumido pela comunidade da fé como Escritura, refere-se ao ofício diaconal, ainda que para tais autores isso não esteja de acordo com a realidade histórica. O argumento contrário, dessa forma, torna-se um argumento a favor da afirmação básica deste artigo e aqueles que não vêm uma referência ao ofício diaconal no relato escrito como ele foi preservado estão laborando em erro.

O segundo argumento contrário à interpretação de Atos 6 como se referindo ao ofício de diácono é que Estêvão e Filipe, que aparecem posteriormente no livro, exercem uma função de evangelistas e não de diáconos. Esse é um dos argumentos levantados por MacArthur.<sup>14</sup> Ele afirma que Estêvão e Filipe estavam mais para evangelistas do que para diáconos. Polhill também afirma que o texto não tem em vista diáconos e apresenta como prova o fato de que ambos são apresentados posteriormente não desempenhando funções admi-

<sup>9</sup> Ibid., p. 44.

<sup>10</sup> Ibid.

<sup>11</sup> COMBLIN, *Atos dos Apóstolos*, p. 147-148.

<sup>12</sup> HAENCHEN, Ernst. *The Acts of the Apostles*. Philadelphia: Westminster, 1971, p. 262-263; FABRIS, Rinaldo. *Os Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Loyola, 1991, p. 131; BARRET, *Acts 1-14*, p. 316.

<sup>13</sup> O presente autor olha para o relato bíblico como está como fonte fidedigna de história, visto que aceita como pressuposto a inspiração da Bíblia.

<sup>14</sup> MACARTHUR, *Acts 1-12*, p. 182.

nistrativas, mas dando testemunho até a morte.<sup>15</sup> Williams afirma que o livro de Atos não trata os sete como diáconos e apresenta como evidência o fato de Filipe, posteriormente, ser definido não como diácono, mas como evangelista (21.8), e diz que a função administrativa dos sete parece ter sido transferida posteriormente para os anciãos.<sup>16</sup>

O problema de tais argumentos é que eles atribuem uma incoerência que não depende de os sete serem vistos como diáconos ou não. A aparente incoerência permanece no relato de Atos mesmo se não os vemos como diáconos, mas apenas como pessoas designadas para servir as mesas. O fato é que Atos 6 diz que Estêvão e Filipe faziam parte de um grupo separado para servir mesas e, de qualquer modo, eles aparecem em Atos pregando e testemunhando e não servindo mesas. Como resolver, então, essa aparente inconsistência? Ou devemos admitir que Lucas trabalhou a sua fonte tão mal que criou tal inconsistência, ou devemos entender que o texto de Atos 6 não diz que os sete foram designados para servir mesas exclusivamente, mas que esse era o seu principal mister. Um dos requisitos dos sete é que fossem homens de testemunho. Ou seja, homens reconhecidos por viverem e pregarem a palavra de Deus. Não se exigia deles que parassem de testemunhar ao serem escolhidos. Os sete foram elevados à posição de líderes na igreja. Eles eram pessoas com atributos espirituais. Não há nenhuma inconsistência, então, em vê-los como os responsáveis pela distribuição diária, mas também como pessoas que davam testemunho, o que, aliás, é um dos temas centrais de Atos e de forma alguma uma atribuição exclusiva dos apóstolos.

O terceiro argumento, de que Lucas não utiliza o vocábulo *διάκονος* no relato será tratado mais adiante. O quarto argumento dos estudiosos que negam que Atos 6 contenha uma referência ao ofício diaconal também é exprimido por MacArthur.<sup>17</sup> Ele afirma ser anacronismo ver um ofício diaconal em Atos e afirma também que, embora seja possível ver a atuação posterior de presbíteros em Atos, não se vê a atuação de diáconos. Williams também afirma que a função administrativa dos sete parece ter sido transferida posteriormente para os anciãos.<sup>18</sup>

Esse argumento é verdadeiro, mas ignora o movimento que acontece no livro de Atos. Até o capítulo 6 ainda temos um cristianismo restrito a Jerusalém. A igreja em evidência é a de Jerusalém. Os capítulos seguintes, 7 e 8, relatam a perseguição da igreja e a conseqüente descentralização da igreja de Jerusalém, de tal forma que não mais se veem os detalhes da organização de uma igreja “local”, mas o livro importa-se em mostrar como o evangelho passou

<sup>15</sup> Cf. POLHILL, *Acts*, p. 182-183.

<sup>16</sup> WILLIAMS, *Atos*, p. 141.

<sup>17</sup> MACARTHUR, *Acts 1-12*, p. 182.

<sup>18</sup> WILLIAMS, *Atos*, p. 141.

de Jerusalém para a Judeia e Samaria e então para o resto do mundo (cf. At 1.8). Não se vê no ministério de Filipe, de Barnabé ou de Paulo uma ênfase na ação social nos campos em que a igreja estava chegando, pois esse já não é mais o foco do autor do livro.

## 2. ARGUMENTOS PRÓ-INTERPRETAÇÃO TRADICIONAL

Atos 6 descreve a gênese do ofício diaconal. Fazemos essa afirmação neste artigo baseados em seis argumentos que desenvolveremos a seguir, quais sejam: (1) a reunião que elegeu os sete teve um caráter oficial; (2) a função à qual os sete foram eleitos tinha um status oficial; (3) as ocorrências da raiz “diacon” apontam para o ofício diaconal; (4) o processo de escolha e as qualificações exigidas evidenciam um ofício; (5) a cerimônia de ordenação a que os sete foram submetidos é indicativa de um ofício e (6) as demais referências do Novo Testamento ao ofício diaconal parecem depender de Atos 6 para se sustentar.

### 2.1 O caráter oficial da reunião

O primeiro argumento que apresentamos aqui para afirmar nossa tese é que a reunião que elegeu os sete homens foi uma reunião oficial. O texto grego afirma: προσκαλεσάμενοι δὲ οἱ δώδεκα τὸ πλῆθος τῶν μαθητῶν (“convocaram, então, os doze a multidão dos discípulos”). O verbo usado por Lucas, προσκαλεσάμενοι, tem como sua melhor tradução neste contexto a palavra portuguesa “convocaram”.<sup>19</sup> Pessoas somente são “convocadas” para reuniões oficiais. O caráter oficial depreende-se também do fato de quem convocou e quem foi convocado. Os doze (οἱ δώδεκα), os apóstolos, os líderes daquela comunidade, são aqueles que convocam e os convocados são τὸ πλῆθος τῶν μαθητῶν, ou seja, todos os discípulos. Haenchen resume bem ao afirmar que “os doze convocaram uma assembléia de toda a comunidade.”<sup>20</sup>

Se os doze convocaram toda a crescente multidão de discípulos (ver 6.1) para esta reunião e como resultado elegeram sete homens, é evidente que a eleição desses homens é um ato oficial da comunidade, resultando no fato de que a função que tais homens deveriam exercer é, portanto, um ofício.

### 2.2 O caráter oficial da função

Não somente a reunião que elegeu os sete foi oficial, mas a função à qual eles foram nomeados também era uma função oficial, ou seja, um ofício. O

<sup>19</sup> Almeida Revista e Atualizada (doravante: ARA), Almeida Revista e Corrigida (doravante: ARC), Almeida Corrigida e Fiel (doravante: ACF), Bíblia Sagrada Edição Pastoral (doravante: BEP); GOMES, Paulo Sérgio; OLIVETTI, Odayr. *Novo Testamento interlinear analítico*: texto majoritário com aparato crítico. São Paulo: Cultura Cristã, 2008 (doravante: NTI-TM); SCHOLZ, Vilson; BRATCHER, Roberto G. *Novo Testamento interlinear*. São Paulo: SBB, 2004 (doravante: NTI-SBB). Ver também: ARNDT, William; DANKER, Frederick W.; BAUER, Walter. *A Greek-English lexicon of the New Testament and other early Christian literature*. 3<sup>rd</sup> ed. Chicago: University of Chicago, 2000, p. 881 (doravante: BDAG).

<sup>20</sup> HAENCHEN, *The Acts of the Apostles*, p. 262.

argumento mais contundente para essa afirmação é literário e diz respeito à palavra *χρείας*. No final do verso 3, após afirmar as qualificações que os sete homens deveriam ter, os apóstolos dizem: οὓς καταστήσομεν ἐπὶ τῆς χρείας ταύτης (“aos quais nomearemos sobre esse serviço, negócio, necessidade ou ofício”). As versões ARA, NVI, NTLH e o NTI-TM traduzem o vocábulo *χρείας* como “serviço”, a ARC e a ACF como “negócio” e o NTI-SBB como “necessidade”. O BDAG afirma que a palavra neste texto tem o significado de “aquilo que é necessário, ofício, dever ou serviço”.<sup>21</sup> Haenchen afirma que “no uso helenístico *χρεία* significa ‘função’ e ‘ofício’, e não necessidade.”<sup>22</sup>

Outra palavra importante nesse contexto, e que corrobora a tradução de *χρείας* como ofício, é a palavra *καταστήσομεν*, que significa: “atribuir a alguém uma posição de autoridade, designar, encarregar”. Em suma, os sete foram designados para uma posição de autoridade, colocados sob um ofício.

Prova-se também que a função à qual os sete foram conduzidos era um ofício porque ela era parte das atividades que os apóstolos desempenhavam. Não há dúvidas de que os apóstolos eram oficiais da igreja naquela época. Pertencia a eles a administração dos recursos financeiros da comunidade para que os mesmos servissem aos necessitados (ver Atos 4.35). O que é descrito em Atos 6, então, é que os apóstolos, não mais tendo condições de manter suas atividades principais, dividem seu ofício em dois: a diaconia da palavra (*διακονία τοῦ λόγου*) e a diaconia das mesas (*διακονεῖν τραπέζαις*). A função dos sete, portanto, era uma função oficial, posto que antes de ser desempenhada por eles era administrada pelos próprios apóstolos, como parte de seu ofício.<sup>23</sup> É nesse sentido que Lienhard, mesmo considerando que “a perícopé não descreve a instituição da ordem de diácono”, baseado no “kernel” histórico que se pode detectar por trás do relato do texto, afirma que “alguns membros daquela comunidade foram autoritativamente designados para um ofício”.<sup>24</sup>

Finalmente, pode-se afirmar o caráter oficial da função por conta do processo de escolha e das qualificações exigidas dos escolhidos. O verso 3 narra o processo de escolha e as qualificações que os apóstolos consideraram necessárias para o desempenho do ofício. O verso afirma: ἐπισκέψασθε δέ, ἄδελφοί, ἄνδρας ἐξ ὑμῶν μαρτυρουμένους ἐπτά, πλήρεις πνεύματος καὶ σοφίας (“examinem, pois, irmãos, sete homens dentre vós que tenham bom testemunho, cheios do Espírito e de sabedoria”). Os apóstolos colocaram sobre a comunidade a responsabilidade de escolher aqueles que a serviriam. A

<sup>21</sup> BDAG, p. 1088.

<sup>22</sup> HAENCHEN, *The Acts of the Apostles*, p. 263. Ver também: WILLIAMS, *Atos*, p. 141.

<sup>23</sup> Cf. NAGEL, Norman. The twelve and the seven in Acts 6 and the needy. *Concordia Journal*, n. 31, v. 2 (2005), 113-126 (p. 120).

<sup>24</sup> LIENHARD, Acts 6:1-6: a redactional view, p. 236. Nessa mesma linha, ver: BLAIKLOCK, *The Acts of the Apostles*, p. 75.

comunidade foi convocada a examinar cuidadosamente (ἐπισκέψασθε) o grupo, com vistas a escolher sete pessoas que pudessem servi-la.<sup>25</sup>Essas pessoas deveriam preencher os seguintes requisitos: deveriam ser homens (ἄνδρας), ter bom testemunho (μαρτυρουμένους), ser cheios do Espírito Santo (πλήρεις πνεύματος) e cheios de sabedoria (σοφίας). Tais características, várias delas espirituais, também apontam para o fato de que tais homens seriam oficiais da igreja. Esse argumento toma ainda mais força quando o comparamos com as características que Paulo exige dos diáconos em 1 Timóteo 3.8-13, como veremos adiante. Assim, concordamos completamente com a afirmação de Dunn sobre o texto ao dizer:

Vemos aqui um claro reconhecimento de diferentes tipos de ministério, o ministério da palavra (pregação) e o ministério das necessidades humanas básicas (alimento e abrigo). Também pessoas diferentes sendo separadas para tais ministérios diferentes; os apóstolos não podiam fazer tudo. Consequentemente é possível ver aqui os primeiros passos em direção a um ministério diaconal.<sup>26</sup>

### 2.3 As ocorrências da raiz διακον

Qual é o nome apropriado para a função de alguém que faz diaconia diária e que “diaconiza” mesas? É fato sabido que o substantivo διάκονος (diácono) não aparece em Atos 6.1-7. Apesar disso, palavras oriundas da raiz διακον aparecem três vezes no relato, tanto como substantivo quanto como verbo. A primeira ocorrência acontece na forma de um substantivo no verso 1. Quando Lucas expõe a razão da reclamação dos helenistas, ele explica dizendo: ὅτι παρεθεωροῦντο ἐν τῇ διακονίᾳ τῇ καθημερινῇ αἱ χῆραι αὐτῶν (“pois estavam sendo negligenciadas no serviço diário as suas viúvas”). Aqui, portanto, vemos que o problema que gerou esse texto e a eleição dos sete foi uma falha na “diaconia” diária. Portanto, aqueles que foram eleitos o foram para se responsabilizar por este serviço, a diaconia diária.

A segunda ocorrência da raiz διακον acontece na forma de um verbo infinitivo no verso 2, quando os apóstolos afirmam: Οὐκ ἀρεστόν ἐστιν ἡμᾶς καταλείψαντας τὸν λόγον τοῦ θεοῦ διακονεῖν τραπέζαις (“não é correto que nós abandonemos a palavra de Deus para servir mesas”). Desta feita a palavra não aponta para a função (como o substantivo anterior), mas para a ação requerida. Os apóstolos precisam de pessoas que possam, em lugar deles, “diaconizar” mesas. Portanto, é a esses dois termos, τῇ διακονίᾳ τῇ καθημερινῇ e διακονεῖν τραπέζαις, que a expressão τῆς χρείας ταύτης (este serviço ou ofício) se refere, no verso 3.

A essas ocorrências acrescenta-se a expressão que ocorre no verso 4, ἡμεῖς δὲ τῇ προσευχῇ καὶ τῇ διακονίᾳ τοῦ λόγου προσκαρτερήσομεν (“nós, entretanto, à oração e ao serviço da palavra nos devotaremos”). Nesse verso

<sup>25</sup> Cf. BDAG, p. 378.

<sup>26</sup> DUNN, *The Acts of the Apostles*, p. 83.



aparece novamente o substantivo διακονία modificado por τοῦ λόγου. Ou seja, os apóstolos resolveram que, enquanto os sete homens se preocupariam com a “diaconia” diária das mesas, eles se preocupariam com a oração e com a “diaconia da palavra”. Enquanto as outras ocorrências carregam usos comuns da raiz διακον, essa última referência, nas palavras de Conzelmann, “não é um termo técnico, mas uma fórmula *ad hoc*”.<sup>27</sup> Ou seja, a expressão “diaconia da palavra” foi cunhada para fazer contraponto a diaconia diária e a servir mesas e para apontar a tarefa primordial dos apóstolos em distinção da tarefa secundária, que agora eles estavam atribuindo a outro grupo de pessoas.<sup>28</sup>

Assim, concluímos esse ponto como começamos. Embora o substantivo διάκονος não apareça no relato como argumentam tantos intérpretes que negam a referência ao diaconato em Atos 6, qual será o nome apropriado para a função de alguém que faz diaconia diária e que “diaconiza” mesas?

#### 2.4 A cerimônia de imposição de mãos

O caráter oficial da função exercida por aqueles sete homens também é demonstrado pela cerimônia da ordenação a que foram submetidos. A imposição de mãos é um assunto que tem sido bastante debatido recentemente.<sup>29</sup> Everett Ferguson demonstrou os paralelos literários existentes entre a imposição de mãos de Atos 6.1-7 e a imposição de mãos de Moisés sobre Josué, em Números 27.15-23, conforme narrada pela LXX. Em ambos os relatos: (1) o verbo ἐπισκέπτομαι é usado para a necessidade de examinar os candidatos; (2) ter o Espírito ou ser cheio do Espírito é uma das características requeridas nos dois relatos (At 6.3; Nm 27.18); (3) em Atos 6.3 os escolhidos são colocados ἐπὶ τῆς χρείας ταύτης (“sobre este ofício”) e em Números 27.16 alguém deve ser escolhido para ser colocado ἐπὶ τῆς συναγωγῆς ταύτης (“sobre esta congregação”); (4) em Atos 6.6

<sup>27</sup> CONZELMANN, *Acts of the Apostles*, p. 45.

<sup>28</sup> Cf. LIENHARD, *Acts 6:1-6: a redactional view*, p. 234-235. Ver também: TYSON, Joseph B. *Acts 6:1-7 and dietary regulations in early Christianity. Perspectives in Religious Studies* 10 (1983): 145-61 (p. 153-154).

<sup>29</sup> POIRIER, John C. Spirit-gifted callings in the Pauline corpus, Part 1: The laying on of hands. *Journal of Biblical and Pneumatological Research*, v. 1, p. 83-99, 2009; FOUNDOULIS, I. M. The historical development of ordinations. In: DRAGAS, G. D. (Org.). *Legacy of achievement*. Palmyra, Va: Newrome Press, 2008, p. 463-476; IRWIN, B. P. The laying on of hands in 1 Timothy 5:22: a new proposal. *Bulletin for Biblical Research* [S.I.], v. 18, n. 1 (2008), p. 123-129; JOHNS, L. L. Ordination and pastoral leadership: a response to John E. Toews. *Conrad Grebel Review* [S.I.], v. 22, n. 1 (2004), p. 26-39; MATTINGLY, K. The significance of Joshua’s reception of the laying on of hands in Numbers 27:12-23. *Andrews University Seminary Studies* [S.I.], v. 39, n. 2 (2001), p. 191-208; MCMILLAN, S. Serving at table: symbols and texts in the ordination of deacons. *Liturgical Ministry* [S.I.], v. 13 (2004), p. 32-38; TIPEI, J. F. The function of the laying on of hands in the New Testament. *Journal of the European Pentecostal Theological Association* [S.I.], v. 20 (2000), p. 93-115; TOEWS, J. E. Rethinking the meaning of ordination: toward a biblical theology of leadership affirmation. *Conrad Grebel Review* [S.I.], v. 22, n. 1 (2004), p. 5-25; WARNER, S. The meaning of ordination in the church. *Lexington Theological Quarterly* [S.I.], v. 37, n. 1-2 (2002), p. 61-84.

os sete homens ἔστησαν ἐνώπιον τῶν ἀποστόλων (“ficaram diante dos apóstolos”) e em Números 27.19, Deus ordena que Josué seja καὶ στήσεις αὐτὸν ἔναντι Ελεάζαρ (“apresentado diante de Eleazar”) e, finalmente, (5) em Atos 6.6 os apóstolos ἐπέθηκαν αὐτοῖς τὰς χεῖρας (“impuseram sobre eles as mãos”) e em Nm 27.23 Moisés ἐπέθηκεν τὰς χεῖρας αὐτοῦ ἐπὶ αὐτὸν (“impôs as suas mãos sobre ele [Josué]”).<sup>30</sup> Ferguson também aponta a influência de Números 8.5-22 na compreensão das imposições de mãos em Atos 6.6 e 13.3, e conclui que tais alusões ao livro de Números em Atos, apontam para um duplo significado da imposição de mãos, o comissionamento e autorização e a ratificação de uma escolha e criação de representantes que são oferecidos ao Senhor para o serviço.<sup>31</sup>

John Poirier concorda parcialmente com esse significado da imposição de mãos em Atos 6, afirmando que a mesma diz respeito à identificação – a partir daquele ato, aqueles sete homens passaram a representar a comunidade.<sup>32</sup> Williams entende a imposição de mãos em Atos 6 como uma forma de reconhecer naqueles sete homens as qualificações necessárias para o serviço e acrescenta que tais homens “passaram a ter autorização apostólica para a tarefa que deveriam realizar: agiriam a respeito do fundo assistencial, como representantes dos apóstolos”.<sup>33</sup> Sharon Warner, por outro lado, propõe que o significado da imposição de mãos diz respeito à capacitação do Espírito Santo no ministério de alguém que está sendo ordenado.<sup>34</sup> I. Howard Marshall une as idéias de revestimento de autoridade e concessão de plenitude do Espírito.<sup>35</sup> Entretanto, a tese de que a imposição de mãos concedeu em alguma medida o Espírito Santo aos sete não pode ser admitida tendo em vista que um dos requisitos para a escolha dos sete é que já fossem cheios do mesmo Espírito (ver At 6.3).

O objetivo desse ponto não é defender um significado preciso da imposição de mãos em Atos 6, mas mostrar que, por meio desse ato, os apóstolos estavam designando os sete para um ofício. Eles atuariam na área social em nome e em lugar dos apóstolos, como o contexto deixa claro e conforme argumentamos anteriormente. Portanto, a imposição de mãos de Atos 6 foi uma ordenação, e foi a ordenação daqueles que se tornaram o padrão e modelo para o ofício de diácono que ali teve sua gênese e cujo desenvolvimento aconteceu ainda na época dos escritos neotestamentários.

<sup>30</sup> Cf. FERGUSON, E. Laying on of hands in Acts 6:6 and 13:3. *Restoration Quarterly* [S.I.], v. 4, n. 4, 1960, p. 250.

<sup>31</sup> Cf. *ibid.*, p. 252. ver também: KISTEMAKER, *Atos*, p. 300.

<sup>32</sup> Cf. POIRIER, Spirit-gifted callings in the Pauline corpus, p. 90.

<sup>33</sup> WILLIAMS, David J. *Atos*. São Paulo: Vida, 1996, p. 141. Ver também: WILLIMON, William H. *Acts*. Atlanta: John Knox, 1988, p. 59.

<sup>34</sup> Cf. WARNER, S. The meaning of ordination in the church. *Lexington Theological Quarterly* [S.I.], v. 37, n. 1-2 (2002), p. 63. Ver também: HAENCHEN, *The Acts of the Apostles*, p. 264.

<sup>35</sup> Cf. MARSHALL, *Atos*, p. 124.

## 2.5 *Argumento canônico*

O último argumento que apresentaremos para sustentar a afirmação de que Atos 6.1-7 narra a gênese do ofício diaconal é baseado no cânon do Novo Testamento. As referências inequívocas à função diaconal na Bíblia ocorrem em Filipenses 1.1 e 1 Timóteo 3.8-13. No texto de Filipenses, o primeiro desses textos, temos apenas uma referência ao ofício diaconal. Paulo envia a carta para *πᾶσιν τοῖς ἁγίοις ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ τοῖς οὖσιν ἐν Φιλίπποις σὺν ἐπισκόποις καὶ διακόνοις* (“todos os santos em Cristo Jesus que estão em Filipos, com presbíteros e diáconos”). Note que os diáconos, aqui, são colocados em destaque junto com os presbíteros, indicando que, para Paulo, havia na igreja, entre os santos, pessoas separadas para tarefas especiais. A estes Paulo deu o nome de *ἐπισκόποις καὶ διακόνοις* (presbíteros e diáconos).

Entretanto, o texto mais claro a respeito dos ofícios eclesiásticos da igreja do primeiro século é o de 1 Timóteo 3. O objetivo de Paulo no capítulo é ensinar a Timóteo “como se deve proceder na casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo, coluna e baluarte da verdade” (1Tm 3.15). Com esse intuito em mente, Paulo dá instruções aos homens (1Tm 2.8), às mulheres (1Tm 2.9-15), aos presbíteros (1Tm 3.1-7) e aos diáconos (1Tm 3.8-13). Uma possível divisão para esta perícopa é: qualificações (3.8-12) e promessa (3.13).

Em que esses textos ajudam na interpretação de Atos 6 como a gênese do ofício diaconal? Note que nem Filipenses 1.1, nem 1 Timóteo 3.8-12 definem qual é a função de um diácono.<sup>36</sup> Em suma, se Atos 6 não descreve a gênese do ofício diaconal, somos deixados sem um texto canônico que defina a razão de ser do diácono. Apenas saberíamos da existência do ofício, das qualificações exigidas e da promessa existente para aqueles que bem desempenhassem a função.

Além disso a promessa de 1 Timóteo 3.13 só faz sentido canônico se entendermos Atos 6.1-7 como a origem do diaconato. De onde Paulo tirou a idéia de que “os que desempenharem bem o diaconato alcançam para si mesmos justa preeminência e muita intrepidez na fé em Cristo Jesus”? Como vimos, alguns autores apontam como uma inconsistência o fato de os diáconos em Atos aparecerem mais como evangelistas. Entretanto, é totalmente possível que Paulo tivesse em mente Estêvão e Filipe ao escrever 1 Timóteo 3.13. Mesmo que estes não tenham sido a motivação de Paulo, o fato é que existe uma coerência canônica muito grande entre a promessa de 1 Timóteo 3.13 e o relato sobre os primeiros diáconos em Atos 6-8.

<sup>36</sup> Longenecker é incoerente, portanto, ao afirmar que o ministério que os sete exercem é funcionalmente equivalente àquele descrito por Paulo em 1Tm 3.8-13, já que neste texto Paulo não fala da função. LONGENECKER, *The Acts of the Apostles*, p. 331.

## CONCLUSÃO

A tese básica deste artigo é que Atos 6.1-7 relata o evento que deu origem ao ofício diaconal. Antes de defendermos tal afirmação, avaliamos alguns argumentos dos estudiosos que discordam da mesma: (1) que Lucas editou a sua fonte de acordo com a ordem eclesiástica de sua época, que incluía os diáconos; (2) que Estêvão e Filipe aparecem posteriormente em Atos não como diáconos, mas como evangelistas; (3) que Lucas não utiliza o substantivo *διάκονος* no relato e que (4) ver o ofício diaconal em Atos 6 é anacronismo. O resultado de tal avaliação é que tais argumentos não se sustentam e que o primeiro argumento até reafirma que o relato lucano indica o ofício diaconal.

Após essa contra-argumentação, foram apresentados cinco argumentos para sustentar a nossa afirmação: (1) a reunião teve um caráter oficial; (2) a função tinha um caráter oficial; (3) as ocorrências da raiz *διακον* no relato; (4) a cerimônia de imposição de mãos e (5) os demais textos neotestamentários que falam sobre o ofício diaconal. Note que a força desses argumentos está em seu conjunto mais do que na análise de cada um separadamente. Juntos, porém, formam uma evidência sólida de que Atos 6 realmente narra como o ofício dos diáconos nasceu na igreja. Isso não quer dizer que havia uma plena consciência por parte da igreja, dos apóstolos e dos próprios eleitos de que esse ofício se tornaria um dos ofícios da igreja no futuro, mas a história demonstra que assim aconteceu.

Assim, podemos resumir as conclusões e implicações deste artigo afirmando que: (1) o diaconato bíblico tem sua gênese em Atos 6; (2) o mesmo é um ofício e implica no exercer de autoridade sobre a comunidade; (3) o ofício diaconal tem como função essencial a gerência da ação social praticada pela igreja para com seus próprios participantes. Um artigo que tratasse dos outros problemas de Atos 6.1-7 seria muito útil, bem como um estudo aprofundado do uso da raiz *διακον* no Novo Testamento.

## ABSTRACT

This article defends that Acts 6:1-7 reports the genesis of the diaconal office in the church. This claim is supported by the following arguments: (1) the meeting that elected the seven was an assembly; (2) the function of the seven was official; (3) the occurrences of the root *διακον* points to the thesis of this article; (4) the laying on of hands should be seen as an ordination; and (5) the remaining New Testament texts about deacons depend on Acts 6.1-7 to be read as the beginning of the diaconate.

## KEYWORDS

Acts 6:1-7; Deacon; Office; Laying on of hands; Ordination.